

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

CENTRO DE LETRAS E ARTES

ESCOLA DE BELAS ARTES



INGRID PEDROZA

FRIDA KAHLO, UMA CINEBIOGRAFIA

RIO DE JANEIRO 202

DRE: 113040693

Universidade federal do rio de janeiro - UFRJ

Centro de letras e artes - CLA

Escola de belas artes - EBA

Departamento de artes teatrais – BAT

Curso de artes cênicas- Indumentária

Frida Kahlo, uma Cinebiografia

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para a obtenção de título de
Bacharel em Artes Cênicas - Indumentária pela Escola de Belas Artes de Universidade
Federal do Rio de Janeiro

Orientador: Madson Oliveira

Rio de Janeiro

22/10/2021

CIP - Catalogação na Publicação

PPP372 Pedroza, Ingrid
Ff Frida kahlo, uma cinebiografia / Ingrid Pedroza.
-- Rio de Janeiro, 2021.
70 f.

Orientador: Madson Oliveira.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de
Belas Artes, Bacharel em Artes Visuais:
Indumentária, 2021.

1. FRIDA KAHLO. 2. FIGURINO. 3. CINEMA. 4.
CATRINA. I. Oliveira, Madson, orient. II. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

Á minha segunda mãe: que não teve tempo de realizar o sonho de me ver formada, em memória da eterna, única e mais amada, Maria da graça Gonçalves Soares, Tia Gracinha.

A minha mãe: Antonieta Pedroza que me ensinou a amar minha imagem, e me relacionar de forma afetuosa com as roupas, apontando meu interesse desde a infância para as artes e figurino, a pessoa mais importante da minha vida, a ela dedico todas as minhas conquistas.

Ao meu pai: Demétrius Henriques, que mesmo sem entender a visão de um artista me respeitou, incentivou e esteve presente.

Ao meu irmão: Diego Xavier, o primeiro a entender a importância da arte na minha vida.

A minha vó: Marilda da Silva, que me inspira a estudar moda, por sua elegância e classe sem tamanho.

Ao meu companheiro: Kall Muniz, que largou uma vida truçulenta para estar ao meu lado na arte e na vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelo privilégio de estudar artes num país como o Brasil, e por ser a primeira da minha família a se formar em uma faculdade federal.

Agradeço aos meus pais por mesmo com medo da vida de um artista nesse país, me incentivarem, acreditaram nos meus sonhos e me deixarem seguir com apoio, amor e respeito.

Agradeço ao meu irmão pela parceria de infância que nos acompanha até hoje, fazendo com que ele esteja sempre por perto em cada fase da minha vida.

Agradeço a Damiana Alves (Samy), Nathalia Mota e Thayna Brito por estarem presentes em minha vida nas melhores e piores fases ao longo desses anos de graduação, e da vida.

Agradeço aos amigos, irmãos que fiz no período que precisei me mudar para o Rio de Janeiro, onde muitas vezes não tinha dinheiro para refeições, ou passagem para voltar para casa, vocês me deram teto, comida, afeto e o mais importante, uma família que chamo de minha, vocês fizeram esses longos períodos de graduação se tornar possível; Paulo Téspis, Marise Lima, Tadeu Tannoure, Samira Tannouri, Claudio Handrey, Thiago Cardoso, Ana Lucia, Leandro Moura, Sarah Wandermurem.

Agradeço a minha vó e a minha tia Gracinha por serem as mulheres mais amorosas, fortes e independentes que já conheci, por vocês serem inspiração, afeto e colo, sempre.

Ao meu companheiro kall, por passar tantas madrugadas acordado, me vendo trabalhar, aprendendo os trabalhos manuais para me ajudar, ser um incentivador, e mais que isso um pilar para essa conclusão de curso.

Agradeço ao meu orientador Madson Oliveira por personificar os mestres que tive ao longo da vida, sendo criterioso, rigoroso, atencioso e imensamente afetuoso em suas cobranças e ensinamentos, levo essa experiência em meu coração.

Agradeço as pessoas que fizeram com que o sonho de produzir um filme fosse possível, meus amigos e profissionais que admiro grandemente; Ana Clara Fidalgo, Bernardo Tamara, Lucas Maroco Danni, Lany Reis, Leno Lopes, Gustavo Farias, Jovan Ferreira, Ju Lopes, Ederson Porto, Carol Buranelli, Gabriel Reis, Nia Mesmo, Bruna Rosa, Julio Cesar, Leandro Lyra, Kássia de Paula, Clarissa Vasconcelos, Tania Fidalgo, Cyntia Gonçalves, Cassia Pimentel, Juliana Feitosa, Maria Angelica, Maísa Lopes, Jacqeline Henriques, Laila Pedroza, Izabel Pedroza, Diego Pizzo, Geovani Rodrigues, Diego Zeidan, Thiago Medina, Denes Pereira,

Matheus da oliver's, Junior da Original, Leandro da Vitale, Luciene Periard, Mel do Circuito Florescer, Fernanda Mendes, Leandro Fazolla, Julio Carolino e Sady Bianchin.

A TNB produções que gerou todo o material visual para a realização desse trabalho, e as 30 marcas que investiram na produção do filme, muito obrigada.

RESUMO

Este memorial apresenta o estudo biográfico de Frida Kahlo (1907 – 1954) e suas linguagens pictóricas na criação da própria imagem, não apenas como pintora, mas como figurinista de si. A pesquisa se torna tema central para a criação de roteiro cinematográfico onde as personalidades, Frida e Catrina (caveira mexicana) se “encontram” para melhor atender a narrativa da trama.

O teaser, e making off podem ser vistos através desse link:

<https://youtu.be/iHlu5IXlimw>

Palavras-chave: Frida Kahlo, Cinema, Figurino, Catrina.

INTRODUÇÃO

Há anos venho querendo entrar no cenário do cinema nacional, encontrei na conclusão de curso de Indumentaria da EBA/UFRJ, a oportunidade dessa realização. Como precisava entregar um trabalho direcionado a Figurino, passei os últimos meses, pesquisando a fundo Frida Kahlo, que não pintava apenas quadros, mas a maior autobiografia imagética da história. Para aprofundar as figuras do México, passei a investigar Catrina, a primazia da caveira mexicana. Kahlo e Catrina, vida e morte, como dualidade que toma conta da narração, dos figurinos e da temática do filme FRIDA KAHLO.

8 ANOS DE BELAS ARTES

Quando entrei na Escola de Belas Artes (2013.1) cursei história da arte, sem saber muito do que se tratava, me encantei com as viagens ao mundo que fazíamos na sala de aula, estudei jardinagem, design de interiores, arquitetura, mobília, artistas mundiais e obras fantásticas. Entrei na faculdade já sendo atriz e buscava algo mais prático, me apaixonei pelo departamento de indumentaria, com quatro anos de EBA, entre greves, e incêndios, consegui finalmente a mudança de curso.

Com a troca descobri um universo completamente paralelo, as pessoas falavam de Roupa com a mesma importância que falam de música, arquitetura, das telas pintadas. Conheci diversos pesquisadores empenhados em desvendar a arte do vestir-se, aprendi tudo do zero, não sabia

desenhar, meu campo cultural até então não me permitia enxergar tamanha grandeza de estudar e produzir figurinos.

Carnaval, show, teatro, televisão, cinema, internet, eram tantas possibilidades, me sentia tão privilegiada em estar na UFRJ estudando artes, que decidi ainda nos primeiros períodos, que minha monografia seria algo grandioso, não só para mim, como para minha cidade (Maricá-RJ), já que lá não tive ao longo da vida qualquer contato com a arte. Sou bolsista de auxílio moradia da Faculdade, por isso morei por sete anos no Rio de Janeiro, onde conheci um mundo novo, de possibilidades e vivências, minha meta era levar um pouco do que aprendi a que não teve a mesma oportunidade que eu.

Com a pandemia voltei para Maricá e criei relações profissionais, pela primeira vez pude trabalhar com arte na minha terra. Eu queria mais, queria fazer um grande movimento artístico com meus conterrâneos, algo não visto antes por aqui, e nós fizemos.

DO TCC AO CINEMA NACIONAL

Frida entrou na minha vida como um furacão em meio a pandemia, ganhei do meu companheiro (Kall) a biografia escrita por Hayden Herrera, e passei dias, meses lendo. Pedi ao professor Madson Oliveira que me orientasse em uma cena, a escolha do orientador foi cirúrgica, precisava de direção, eram muitas ideias e pouca experiência, escolhi a figura mais admirada por mim ao longo dos anos, estudando o ato de vestir, escolhi a pessoa que falava de roupas com brilho no olhar, precisava ser orientada com a mesma paixão que sentia em montar meu projeto, e fui.

Gostaria de mostrar como Frida sabia usar as roupas ao seu favor, e performar essa grande artista, enquanto atriz, seria um belo fim híbrido para minha graduação. Conforme fui me aprofundando na leitura, a pesquisa foi afunilando, tive a infeliz surpresa da morte de minha segunda mãe (Tia Gracinha), Frida me ajudou a continuar, a medida em que lia seus relatos de dor, via suas imagens de caos, a perturbação me familiarizava com algo que não poderia nomear, era grande, tão grande quanto minha vontade de reproduzi-la.

Chamei uma produtora local (TNB produções) para gravação de uma cena, informei a possibilidade do roteiro se tornar um curta metragem, chamei alguns amigos para direção, eu

estava certa que seria um trabalho lindo, a medida em que eu estudava o formato cinematográfico, o roteiro aumentavam, e o trabalho biográfico de Kahlo, necessitava de mais profissionais, como produção executiva, elenco, cenotecnico, marceneiro, artista plástico, coreografa, patrocinadores, locações, dinheiro, eu precisava de uma verdadeira equipe de cinema.

Quando vi já tinha escrito um roteiro de 46 páginas, e chamado mais de 50 profissionais para trabalhar, o que é curioso, eles aceitaram, mesmo sem eu ter como pagar, meu projeto independente havia se tornado uma atração em Maricá, consegui 30 marcas para injetar dinheiro e produtos. Frida que havia se tornado uma média metragem, de forma orgânica e magica já era o primeiro Longa metragem produzido na Cidade de Maricá, por Maricaenses.

Foram três meses de Pré produção, nove meses de estudo e pesquisa, em uma jornada solitária e incerta, até começarem as gravações, e eu me ver rodeada de profissionais incríveis que apostaram tão alto quanto eu, se doando em uma maratona, foram 60 cenas, gravadas em 8 dias. Muito trabalho, pouco dinheiro, mas uma vontade inabalável de entrar na produção cinematográfica nacional.

Frida Kahlo um filme de Ingrid Pedroza, onde atuei como protagonista, idealizadora, roteirista, diretora de arte, cenário, figurino, produção executiva, e finalização. Como dar certo? Não sei, mas suponho que tenha dado, nossa estreia está marcada para dia 11/12/2021, no Cinema Publico Municipal Henfil, em Maricá, Rio de Janeiro. Nosso desejo é colocar esse produto em festivais dentro e fora do Brasil. Como qualquer artista, buscamos reconhecimento profissional e oportunidades.

POR QUE FRIDA?

Essa foi a pergunta mais escutada nos últimos meses, as pessoas queriam saber por que Frida, por que uma biografia, por que fazer um filme que já foi feito – Frida 2002, direção de Julie Taymor - e que ganhou a maior estatueta do cinema mundial, o óscar. A resposta não é tão simples, nem tão óbvia quanto parece.

A primeira vez que me deparei com Frida foi na UFRJ, no curso de História da arte, estudando as disciplinas pré-colombianas, ao final tinha um apontamento e uma exposição no Rio de

Janeiro pela Caixa Cultural da pintora mexicana Frida Kahlo, 2016. Eu não fui, mas havia algo que me inquietava nas suas obras, que me dava a certeza de que mais cedo ou mais tarde eu a encontraria.

As obras de Kahlo não me pareciam surrealistas, ou modernas, não me pareciam com nenhuma outra arte estudada dentro e fora da academia, elas me levavam a olhar pra mim, como um espelho, um convite ao enfrentamento pessoal e psíquico. A dor universaliza o ser humano, o sangue as angustias, são linguagem de fácil acesso e não precisam de tradução, expostas em uma tela gritam mais que mil palavras escritas em um livro.

Mulher que muda sua data de nascimento (1907), pois queria nascer no ano da revolução mexicana (1910), ela não fazia ideia que sua sede revolucionária mudaria o cenário da arte, e tantas outras vertentes que levantou a bandeira ao longo da vida.

Frida foi retratada como heroína política, Combatente revolucionária, mulher sem filhos, e “Ofélia mexicana” (HERRERA, 2011, p.13).

Mulher, artista, heroína política, símbolo da causa LGBTQIA+, pessoa com deficiência física, exuberante, forte, decidida, insaciável, apaixonante, intensa, versátil, amada por muitos e odiada por tantos outros. Kahlo sofreu muito com dores físicas, um desastre automobilístico, poliomielite, fraturas, mas também por dores incuráveis na alma, muitas delas trazidas pelas infidelidades e descasos de seu marido.

Em 2002 Salma Hayek idealizadora, e protagonista do filme “Frida”, me deixa encantada com as novas perspectivas da pintora, mesmo com duração superior a 2 horas, o longa-metragem, me dava a sensação de que ainda tinha muito de Kahlo que eu precisava descobrir. Comecei a investigar, meu desejo era multiplicar, distribuir o tanto da vivência particular dessa artista, que muitos desconhecem. Escolhi fazer a Frida que conta sua própria história.

MAGDALENA CARMEN FRIEDA KAHLO Y CALDERON

Magdalena Carmem Frieda Kahlo y Calderón nascida em Coyacán, Mexico em 06 de julho de 1907, filha de Guillermo Kahlo (1871-1941), fotógrafo, alemão com Matilde Calderón y Gonzalez, (1874-1932), ainda bebê Frida precisou ser amamentada por uma ama de leite,

mulher indígena, pois sua mãe estava muito doente, um dos motivos pelo qual sua ligação com as raízes mexicanas era tão forte. Terceira filha do casal, a preferida de seu pai, que já tinha filhas do primeiro casamento. Suas irmãs eram Matilde, Adriana e Cristina, as meias-irmãs Maria Luísa, Margarita.

Sem dúvidas a parte mais difícil de falar de um ícone mundial, é lembrar que essa “lenda” já foi de corpo e alma, já foi uma mulher com questões e dificuldades como qualquer outra, que a dor é universal, e a arte cura hoje, como já curou antes. Desmistificar uma personagem atribuída de tantas forças e mostrar suas fragilidades, intensificar a Magdalena, antes mesmo de mostrar a persona Frida Kahlo, esse foi um dos fundamentos dessa pesquisa.

A história de Frida começa e termina no mesmo lugar (HERRERA, 2011, p. 17).

Começamos esse filme mostrando a Magdalena e terminamos com a artista renomada Frida Kahlo. Uma das maiores dificuldades desse processo foi mostrar uma biografia filmada com poucos recursos financeiros. Como sua história começa e termina em Coyoacán, México, me apropriei da imagem de Maricá, para contar essa história, já que geograficamente tem muito em comum com o México. Escolhemos a fazenda de IBIACI para montar a Casa Azul, hoje conhecida com museu Frida Kahlo. O verde, as montanhas, o clima as rochas o mar, tudo conversava com a narrativa, as únicas cenas gravadas fora da Cidade foram representando os Estados Unidos, no centro histórico do Rio de Janeiro.

Uma das maiores dificuldades enquanto diretora de arte foi recriar o cenário, o quarto de Frida, passou por grandes transformações ao longo dos 30 anos de história que contamos no filme. Sem verba, com tantos itens faltando, eu comecei a pedir moveis, toalhas, colchas, telas, roupas antigas, tudo emprestado aos meus familiares e amigos. Eu entrava na casa deles comentava sobre o filme, sobre as dificuldades e eles queriam saber como poderiam ajudar, eu dizia; “Você não quer dar uma colaborada na arte da amiguinha aqui não? Só de me emprestar isso, já vai estar ajudando muito”. E assim foi, montamos a casa de Rivera e da pintora, com apoio, e empréstimos de “bens”, minha vó (Marilda) e a mãe de uma amiga (Tania), foram as maiores “vítimas”, colaboradoras do projeto.

A cama da protagonista foi a peça mais complexa, eu tinha a cama de solteiro, pintamos de betume, mas faltavam os quatro suportes, a placa de madeira superior e o espelho, precisamos contratar um marceneiro, para recriar esses elementos, e o cavalete adaptável.

FRIEDA X FRIDA

No dia 17 de setembro de 1925, Frida tinha 18 anos quando sofreu um acidente automobilístico que mudou sua vida, da tragédia nasce a artista. Presa em uma cama Frida começou a pintar, seus pais mandaram fazer um cavalete adaptável, e sua cama se torna uma espécie de “sarcófago”, onde no teto ela poderia se ver através de um espelho, e recriar sua imagem, seu primeiro autorretrato é feito em 1926.

A partir daí ela nunca mais parou, pintou 200 quadros ao longo da vida, inúmeros autorretratos, natureza morta, foram poucas encomendas, ela gostava de pintar o que lhe interessava, o que lhe dava prazer, seu último quadro chama-se viva lá vida, um recado sarcástico para a morte.

Onde quer que fosse Frida causava sensações, inteligente, sexy, divertida, extravagante, peculiar, seu humor era cético, desmoralizante, fascinante, destruidor, mulher intensa demais para ser compreendida, impulsiva e sarcástica. Frida vive 29 anos após a tragédia do bonde, ela passou por 32 cirurgias ao longo da vida, 28 coletes ortopédicos de diversas matérias diferentes, amputações, vícios, traições, amantes, amores, tentativas de suicídio, até sucumbir a morte. Foram 47 anos de criação dessa personagem, não meramente criados para satisfazer seu ego, mas como camadas numerosas de máscaras necessárias para contar a história biográfica através das imagens, Kahlo uma artista que se descreve no silêncio pictórico dos seus autorretratos.

A Construção desses coletes foram desafiadoras, recrie o colete de tecido vazado do quadro Coluna Partida 1944, de Frida, com algodão cru, fizemos tiras de 3 cm, para construir a peça, e usamos velcro para unir as partes. Todos foram tirados de referências fotográficas na biografia e no museu, Frida Kahlo. O colete de couro também foi feito em tecido, Oxford branco, com tonalidades de betume, e cola para enrijecer, usamos 4 tiras para fechá-lo na frente com argolas de aço, e elástico grosso atrás, de modo que ele pudesse ter flexibilidade. Além desse foram feitos mais 3 coletes de “gesso”, com a mesma intenção, transformar em figurino o que havia sido ortopédico.

Frida alardeava sua alegria como um pavão ostenta a cauda, mas camuflava uma profunda tristeza e introspecção, até mesmo uma auto obsessão (HERRERA, 2011, p. 12).

Uma mulher que não alcançava a superficialidade, tudo em sua vida precisava de um propósito, ou uma causa, comunista, inconformada, envergonhada de seu sangue parte alemão, Frieda

corta a letra “e” do seu nome, dado pelo pai Guilherme, como sinal de seu repúdio ao nazismo. Ela vai se construindo, muda o nome, a data de nascimento, a postura, as vestes, as obras, Frida se recria, usando as máscaras de si mesma, para contar sua própria história, a autobiografia perfeita, criada através de imagens, trocas e posturas.

O ELEFANTE E A POMBA

Em 1928, Rivera retrata Frida como militante comunista no painel *Insurreição*, do mural *balada da revolução proletária*, no edifício do ministério da Educação, lugar onde Frida meses antes havia ido procurar Diego. Ele se torna seu grande ídolo enquanto pintora. Rivera disse a ela “seu desejo deve levar você a sua própria expressão”, e a levou, de grande mestre a marido, de amadora, a artista mundialmente reconhecida.

Em 1929 Frida se tornava a 3º esposa de Diego Rivera, e o maior mestre que a pintora já teve, já que ela nunca estudou em uma academia de artes, as influências de Diego nas telas de Frida eram cada vez mais visíveis, e seus traços mais precisos e nacionais. Rivera incentivou a carreira de Frida desde do começo da relação, ele tentava impulsionar sua esposa a pintar, insistia que usasse o nome de solteira, e fosse capaz de produzir, e vender sua própria arte, ele acreditava que ela era muito melhor pintora que ele.

Gordo, comunista, mulherengo, e velho, Frida era o oposto, uma mulher jovem, cheia de vida, magra, pequena, os chamavam de o elefante e a pomba, o casal não se importava com rótulos ou conveniências, eles viviam um relacionamento atípico para a época, ele com seus inúmeros casos de amor fora do casamento, ela Também, Frida se relacionava com mulheres, muitas vezes as mesmas que Diego, ele não se importava, mas ficava doente com seus namoricos masculinos.

Foram quase 25 anos de casados, entre brigas e desentendimento frequentes, um relacionamento tóxico, cheio de dependências emocionais, mas com a certeza de que um era a alma gêmea do outro, em 1939 uma separação os levou ao divórcio. A reconciliação cheia de negociações “feministas” impostas por Frida, foi no dia 8 de dezembro de 1940, aniversário de 54 anos de Diego, eles se casam pela segunda vez oficialmente, e permaneceram juntos, até a morte de Frida (1954), antes de morrer Rivera casa pela quarta vez, com uma de suas amantes.

Optei por usar roupas mais escuras, para Diego, ele era o oposto complementar de Frida. Sua extravagância estava no comportamento e não no guarda roupa. Usei o acervo pessoal do ator que viveu o personagem (Leno Lopes), e roupas compradas em brechó. A única peça que criei, foi o macacão de trabalho, traje preferido de Rivera. Cheio de tinta jogada, o manchava, para dar um ar de velho, e surrado. Usei no macacão tecido de elastano que imitava um jeans, jet branco, e carvão para dar um aspecto de sujeira. Os chapéus eram a finalização biográfica do figurino.

MEU VESTIDO PENDURADO ALI

Criadora de imagens enquanto pintora, passa a criar a imagem que de fato marcaria sua vida, a imagem Frida Kahlo, figurinista de si, ela sabia usar as cores, as formas e texturas. Ao longo dos anos ela se vestiu com trajes masculinos, para reafirmar a mulher independente que gostaria de ser. Usou roupas europeias, mexicanas, asiáticas, guatemalteca, e preferiu se abster de roupas cosmopolitas.

...ela se destaca do grupo de seus familiares, todos trajados de maneira convencional, por usar um terno masculino de três peças, incluindo lenço e gravata. Ela assume uma postura viril, com uma das mãos no bolso e outra apoiada em uma bengala. Talvez ela tenha vestido roupas de homem como mera brincadeira ou piada, mas, neste caso, jovem não é mais uma menina inocente (HERRERA, 2011, p. 63).

Figura 1 - As irmãs, Adriana, Cristina e Frida com 18 anos vestida de homem, sua prima Carmen Romero e o menino Carlos Veraza., Casa Azul de Coyoacán, 7 de fevereiro de 1926. Foto: Guillermo Kahlo



Fonte: Site do instituto cultural do google

Em seu casamento (1929) Frida abre mão do vestido de noiva, branco tradicional e se veste da roupa de uma criada indígena, a partir daí sua personificação imagética é estruturada com os trajes de *Oaxaca* e *Tehuantepec*, ela tinha total consciência e poder sobre sua imagem, suas tranças, os anéis, as saias longas, as blusas bordadas, as cores, volumes, tudo era escolhido de acordo com seu sentimento e vibração psicológica.

Em *Meu Vestido Pendurado Ali*, de 1933, não há a imagem de Frida, mas o vestido que está no centro do quadro é o representante de sua personalidade, substituindo a imagem da pintora propriamente dita. Na obra *Memória*, de 1937, o mesmo vestido aparece do lado direito da Frida com roupas “comuns” e com uma barra atravessada em seu peito, do outro lado uniforme escolar, época em que conheceu Diego. A roupa para Kahlo era a manifestação de suas ideias, dores, angústias, amores, e como ela gostaria de ser vista pelo mundo. Em 2012 o museu Frida Kahlo no México, criou a exposição *Las Aparências engañan*, abrindo o guarda roupa da artista para o mundo

Figura 2 – Meu Vestido Pendurado Ali, KAHLO 1933



Fonte: tallerdeencuentros.blogspot.com.br. Acessado em 01/2013

Figura 3 – Traje de gala Tehuana descritivo.

Figura 4 – Trajes típicos mexicanos, regionais.



Fonte: spanishuninter.blog/2015/09/18/los-trajes-tipicos-de-mexico (imagem 3) acessado 2021.

Fonte: candidmanmx.wordpress.com/2015/09/16/infografia-trajes-tipicos-de-mexico/20150916-infografia-trajes-tipicos-de-mexico-candidman/#main (imagem 4) acessado 2021.

Em outra época me vestia de menino, calças, botas, jaqueta... mas quando fui ver Diego coloquei um traje tehuano. Nunca fui a Tehuantepec, nem Diego quis me levar. Não tenho relação com a gente de lá, mas de todos os vestidos mexicanos, o de tehuana é o que eu mais gosto e por isso me visto de tehuana. (ROSENZWEIG, 2007, p. 33)

O traje que Frida decidiu adotar era o das mulheres do istmo de Tehuantepec, e as lendas em torno delas sem dúvida informaram sua escolha: as mulheres de Tehuantepec são famosas por serem imponentes, sensuais, inteligentes, corajosas e fortes. Segundo o folclore, vivem em uma sociedade matriarcal, em que as mulheres dirigem os mercados, cuidam das questões fiscais e dominam os homens (HERRERA, 2011, p. 140)

O vestuário tipicamente mexicano da pintora foi escolhido para esconder seu corpo debilitado, suas questões estéticas e preservar sua identidade étnica. Os têxteis mexicanos serviram como um texto de expressão antes da escrita, existem muitos níveis de comunicação nos têxteis,

alguns guardam códigos criptografados, muito geométricos, com brocados, brocados de sombra e bordado. Ela não queria se fantasiar de tehuana, mas escolheu a roupa como artifício para se expressar através de sua imagem pública, criando um figurino para sua própria personagem.

O huipil (bata) é feito com um tear backstrap, uma máquina que data de 1500 anos antes de Cristo, com a particularidade de que a largura do tecido corresponderá à largura do tear, regularmente entre 30 e 40 centímetros, é um processo totalmente circular. Geralmente, isso também é o resultado de algodões que as próprias comunidades cultivam ou de sedas que eles próprios tratam.

As saias tehuanas são bem franzidas, com objetivo de aumentar a silhueta da mulher, já que a corpulência é sinônimo de bem estar para as mulheres daquela região. O huipil possui uma modelagem reta que, feito com folgas, não fica tão ajustado ao corpo e também aumenta a silhueta. As mulheres tehuanas viviam em uma sociedade matriarcal onde tudo era controlado por elas e a roupa, uma das maiores preocupações das mesmas, era instrumento dessa imponência.

O vestido das tehuanas é um dos maiores atrativos do país; é tão pitoresco e encantador, elegante e fascinante, que alegra o plano e árido panorama com brilhantes tonalidades de cor e silhuetas joviais e agraciadas. Faz com que toda mulher zapoteca seja transformada em uma rainha... De todo o México é o traje regional de maior popularidade e beleza... Para o cidadão comum mexicano, uma tehuana é tão romântica e tão atrativa como é uma mulher do Mar do sul para um adolescente americano. (COVARRUBIAS, 1946, p. 304)

Assim, através das vestes, Frida consegue expressar nas suas telas seu mais profundo sentimento, seja em autorretrato 1926, feito para seu namorado Alejandro, onde ela se pinta com fragmentos renascentistas, um vestido bordado, cabelos presos e pele maquiada, trazendo feminilidade e acidez, ou no autorretrato de cabelo curto 1940, onde ela se pinta com ternos largos, cabelos picotados, e um brinco, único acessório que a deixa com atmosfera feminina, como esse quadro foi pintado após a traição de Diego com sua irmã, ela não via possibilidades de qualquer vaidade.

Em autorretrato 1937, pintura feita para seu amante Trotsky, Frida se pinta como uma mulher romântica, de roupas europeias e detalhes mexicanos, com cores ao fundo e elementos que

trazem a paixão para tela. Em as duas Fridas 1939, ela se pinta segurando sua própria mão, uma Frida europeia, casada, e a outra tehuana, dilacerada pelo fim do casamento, o que as liga é uma artéria, que goteja sangue infinitamente. São muitos os exemplos de que o ato de se vestir para Kahlo era muito mais que uma obrigação diária, mas uma construção imagética e bibliográfica em vida.

Sem dúvidas as roupas mais trabalhosas, exuberantes e peculiares foram a de Frida. Eu desenhei dezenas de croquis, para entender que combinações fariam parte de qual cena, fui até a biografia, onde ela mesma fala de sua relação com as cores e roupas. Escolher os tecidos, encontrar galões que ornassem, barrados, bordados, fitas e lãs, tudo era muito diferente para ser encontrado, então precisei produzir todas as suas roupas.

Os gessos de Frida foram os mais complexos do filme, já que não se tratava de um gesso ortopédico, e sim de um figurino que o imita. Eu tentei me engessar e deu certo, até que eu precisei tirar ele, quebrei toda a estrutura. Pedi a minha amiga e costureira Cassia Pimentel que fizesse uma base de tecido, depois recrutei meu parceiro - como aderecista -, ele colou os gases no tecido, aplicou camadas de cola cascorez e depois pintou com 3 demãos de tinta de parede branca, e por fim, era o “gesso” que tanto queríamos, demoramos semanas para encontrar essa solução. Alguns tiveram o trabalho de pintura artística finalizando, já que Frida pintava os coletes em seu próprio corpo.

A máscara da criança, fiz com a base do meu rosto em molde de gesso, minha máscara mortuária, depois modelei a argila conforme na pintura; Menina com máscara da morte 1938, empapelei com cola e papel picado, apliquei massa corrida e por fim pinte com jet e tinta de tecido. Os colares de pedra eram muito caros, e impossíveis de encontrar, então minha tia (Marise), biscuiteira fez algumas replicas com massa fria e resina, outros encomendei de um entalhador, o brinco de formato de mãos - feito por Picasso para presentear Frida -, e um colar de caveira, muitas das bijuterias consegui com minhas tias avós (Terezinha e Izabel), os sapatos e bolsas comprei em brechó, e customizei com pintura a mão livre.

Para as coroas de tranças, contei com a ajuda da minha mãe (Antonieta), ela trançou algumas tramas de lã, fitas, e já deixou pronto, para facilitar a aplicação na troca do set. As fronhas, blusas, foram bordadas pela minha Tia (Cyntia), o que deixou as peças muito mais realistas, belas e condizentes com a época.

Cada peça de Frida é ligada aos seus estágios psicológicos e emocionais, as cores, texturas, os volumes, as sobreposições e camadas, tudo tem um estudo minucioso por de trás da escolha cênica. A roupa da morte de Frida é um *Hipil*, bem semelhante a um traje mortuário, que me trouxe a possibilidade de brincar com a vida e a morte mais uma vez. Optei por colocar inúmeras rosas e a pintura, Raíces 1943, como referência na roupa, é como se Frida estivesse deixando a vida para se tornar, raiz, adubo, fertilizante, e se tornar o ciclo natural da vida pelo qual ela tinha tanto fascínio. A confecção desse figurino foi feita com corte da renda bordada a maquina no tule, para aplicação com cola. Eu e toda minha família levamos 2 dias cortando e colando cada detalhe, uma experiência mais que descritiva, sensitiva, uma memória imortal.

CATRINA

Na cultura popular mexicana, *La Catrina de los toletis* (derivado de *La Calavera de la Catrina*), gravura do mexicano José Guadalupe Posada (1852 – 1913), variante feminino do termo *catrín*, em espanhol: dândi, pessoa de bom gosto estético, é a representação católica do esqueleto de uma dama da alta sociedade, uma das figuras mais populares da festa do Dia dos Mortos, destinada a lembrar que as diferenças sociais não significam nada diante da morte .

Figura 5 - Remate de calaveras alegres y sandungueras 1913 – Detalhe.



Fonte: DURÁN, Rafael. Posada: mito y mitote, p. 47.

A apropriação tomada por Diego Rivera da figura de José Guadalupe Posada ...mais especificamente em suas “calaveras”, uma força capaz de suprir e justificar seus anseios por um projeto estético voltado às massas e alinhado à sua própria percepção do comunismo. O modo com que Diego Rivera constrói uma narrativa acerca de Posada em muito se aproxima do que Furio Jesi chama de “máquina mitológica”. Por máquina mitológica, Jesi pensa um mecanismo que oculta o “mito puro” enquanto produz materiais mitológicos, mitologias. Nesse contexto, a “Calavera Catrina” de Posada serviu a Rivera na medida em que o resgate da obra de Posada, décadas após sua morte, reforça um projeto de “arte popular” com supostas raízes pré-hispânicas. (DE ANDRADE, p. 117)

A origem da Catrina remonta às festas dos mortos do período de sincretismo religioso indígena e católico. *La Catrina* também está associada à ideia do indígena que gostaria de se tornar europeu e que renega a própria cultura, por isso sua outra ligação com a Revolução. José Guadalupe Posada também se valeu das *Catrin*as para lançar seu tom de crítica social em relação a como seu país encontrava-se diante da situação política e como a parte da população mais rica mantinha seus costumes.

Figura 6 – Sueño de una tarde dominical en la Alameda Central 1947 – Detalhe.



Fonte: Site do Instituto Cultural Google.

O dia dos mortos é uma das celebrações mais animadas que os mexicanos realiza. E a festa é tão bonita que a UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) a declarou como patrimônio da Humanidade. Ponto turístico que atrai o olhar do mundo, a celebração e naturalização da morte, as cores, alegria e metáfora de como lidar com o tema é a verdadeira atração da festa, personificada pela elegância e estranheza das famosas caveiras mexicanas.

Catrina é a figura que antecede a Caveira Mexicana, que repulsa e encanta o mundo, com sua universalidade óssea e sua pompa, flores, maquiagens coloridas e roupas volumosas, ossos a mostra, o símbolo perfeito entre a dualidade da vida e da morte, da simplicidade e exagero. A fantasia ideal para os vivos comemorarem o dia dos mortos, se travestindo da ambiguidade festiva e peculiar do México.

Sendo uma figura tão extraordinária quanto a Própria Frida, Catrina ganha protagonismo em minha pesquisa, por me permitir visitar o lúdico e imaginário, transformando minhas fantasias em realidade. A caveira trás a representação da Frida, do Diego, da morte, do México, da memória e da vida.

Sua composição foi feita por uma pintura corporal, com referência minuciosa ao corpo humano, os ossos foram criados por uma mistura de pasta clow branca e base da cor da pele clara. Para dar impressão de vazios usamos a pasta clow preta, pó translucido para selar, unhas postiças para alongar os dedos das mãos, e cílios de papel feito pelo artista. Foram 7 horas de caracterização, e infinitos retoques ao longo do dia, uma experiência ímpar, onde tive o prazer de viver Catrina, pelas mãos do artista plástico Jovan Ferrera.

Na maquiagem brotam flores dos ossos, assim como a cabeça foi pensada como composição ainda viva, rosas vermelhas com galhos secos, ambos sujos com o aspecto de maturação, para o processo lento da morte. Comprei 15 rosas, palha, floral, arco e fita crepe, e cola quente, eu e minha mãe construímos essa cabeça juntas, ela é ótima com arranjo, eu sou boa em obedecer, então foi muito simples a confecção.

O figurino tem como referência o “desfazer-se”, algo que já foi inteiro, mas desmoronou, desmontou, está velho, morto. Feito com algodão cru de cinco tramas e espessuras diferentes, com chita, 17 metros de tecidos foram tingidos antes e depois da confecção. Molhei os tecidos que comprei na piscina, deixei eles esticados de um dia para o outro, e na manhã seguinte torci

e apliquei tonalidades e quantidades diferentes de tinta nos tecidos para dar o aspecto de manchas que desbotam – cor preta.

Depois de secarem no varal, eu levei para a costureira, ela abriu uma saia com 5 metros de tecido, depois uniu com a parte superior. As camadas desconectas de babado foram costuradas depois da base pronta, na saia em horizontal e no busto vertical, passamos a linha reta no meio da tira de tecido fino, dando a ele um movimento de franzido solto ao vestido. Por fim apliquei com borrifador, tinta de tecido preta diluída no álcool.

Pensar no figurino foi bem mais complexo do que construir. A criação dessa personagem foi longa e demorada, desenhei alguns rabiscos, deles escolhi umas silhuetas, juntei o que mais gostei de uma com outra, e cheguei finalmente em 2 croquis de base, mas como uma boa pisciana/libriana, não consegui escolher e pedi ao meu Orientador que me ajudasse, ele apontou o mais interessante e finalizei a referência. Desenhar o croqui que saísse do lúdico e fosse para o concreto, entender materiais, aplicações e tintura foi o processo mais demorado do figurino, a confecção foi feita em menos de uma semana.

O vestido da morte que pesava 15kg é super decotado na frente e atrás, de modo que a ostentação do alinhamento dos ossos é incontestável. Isso para que Frida a veja com inveja e repulsa, já que em vida Kahlo sofre por ter a coluna partida, ossos esmagados e amputados. Tornando o esqueleto de Catrina um protagonista evidente para a narrativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observo que adquiri conhecimentos múltiplos na faculdade, a arte do fazer esteve presente em toda a narrativa, da pesquisa a criação e concepção do filme. As disciplinas acadêmicas de longos anos me revisitaram nesse grande final, aguardando uma resposta ao tempo investido na graduação, sinto como se tivesse a assinatura de cada mestre que passou pela minha vida artística ao longe desses 11 anos de carreira, todos, os acadêmicos, os artesãos, mestres, artistas, vejo na direção de arte, na criação do roteiro, na interpretação de Frida, no ato de bordar uma peça, na criação de uma máscara, a minúcia que abrange anos de estudo e investigação.

Frida me trouxe um leque de possibilidades, e o cinema ainda mais. Espero poder dar continuidade em minha pesquisa, conhecer os museus e as obras estudadas, no México,

pesquisar mais de Diego Rivera, e me aprofundar na biografia do fotógrafo que eternizou memórias de Frida, Nykolos Mauray, mas esse é um novo projeto, com novas leituras, linguagem e experiências.

Figura 7 – Cartaz do Filme; Frida Kahlo, 2021.



BIBLIOGRAFIA

HERRERA. **Frida: a biografia** / Hayden Herrera; tradução Renato Marques. – São Paulo: Globo, 2011.

DURÁN, Rafael. Posada: **Mito y mitote**. México: FCE, 2009.

RIVERA, Diego. **José Guadalupe Posada**. In: TOOR, Frances (Ed.). Monografia.

Cidade do México: Editorial RM. 2012.

DE ANDRADE, L. B. (2019). **A mitologia de “La Catrina”**: comunismo e arte na máquina de Rivera. *Revista Eletrônica Da ANPHLAC*, (025), 116-134.

COVARRUBIAS, Miguel. Mexico South: **The Isthmus of Tehuantepec**. Nova Iorque: Knopf, 1946.

ANAWALT, Patricia Rieff. **A história mundial da roupa**. São Paulo: Senac, 2011.

ZERBATO, Natália Bezerra; ESTARQUE, Maya Marx. **Colóquio de Moda** – Fortaleza (CE), 2013.



FRIDA KAHLO

Uma Cinebiografia



FRIDA

“Frida”, a biografia escrita através dos sentimentos, palavras, imagens das cartas, entrevistas e diário da própria Frida Kahlo (1907-1954), figura de extrema importância para o sec. XX, nascida no México, tornou-se referência mundial pela luta através da paz. Heroína Política, símbolo da igualdade de gênero, da inclusão dos portadores de necessidades especiais, artista, ativista e Lgbtqia+.

Por suas particularidades, “Frida” é o tema de monografia da conclusão de curso da Ingrid Pedroza na Escola de Belas Artes da UFRJ. Sendo assim enredo de uma produção audiovisual, integralmente independente, produzida e filmada na Cidade de Maricá, no Rio de Janeiro.

Siga nosso instagram: @filmefridakahlo



A locação principal será a Fazenda de IBIACI, patrimônio Cultural de Maricá. Fazem parte desse cenário cinematográfico, a Restinga, Sacristia, Ponta Negra e Espraiado.

É a primeira vez que artistas, produtora, trabalhadores do cinema local se juntam para produzir um filme cujo a beleza de Maricá estará eternizada.

Como posso apoiar essa obra?

Siga nosso instagram: @filmefridakahlo

Sua marca estampada no filme! Cotas de patrocínio:



Apresentação do filme

R\$: 10.000,00

Sua marca aparece no começo do filme com destaque, apresentando a trama. Pré estreia e coquetel com direito a 20 convidados

Siga nosso instagram: @filmefridakahlo

Cotas de patrocínio:



Patrocínio do filme

R\$: 1.000,00

Sua marca aparece no início do filme como patrocinadora. Pré estreia e coquetel para 7 convidados.



Colaboradores do Filme:

R\$: 300,00

Sua marca aparece no início do filme, junto com outras marcas. Pré estreia e coquetel para 2 convidados.



Apoio do filme:

Permuta com produtos e ou serviços. Sua marca aparece nos créditos do filme e ainda terá divulgações nos perfis das redes sociais da equipe.



Vaguinha colaborativa:

a partir de R\$: 20,00
Você estará ajudando um projeto nunca antes feito na cidade.

ambos contam com divulgação nos perfis das

FRIDA

BANCO: ITAÚ
AG: 8906
CONTA POUPANÇA:
06222-2
INGRID HENRIQUES

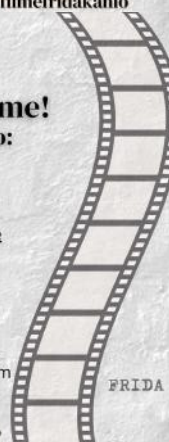
PIX:

INGRIDHENRIQUES@YAHOO.COM.BR

Siga nosso instagram: @filmefridakahlo

DEPÓSITOS ATÉ DIA 20.8

FRIDA



FRIDA

Além de toda a visibilidade que o filme trará por si só, também estaremos inscrevendo a obra em diversos festivais do Brasil e do mundo.

Apoie o cinema, apoie a arte!

Siga nosso instagram: @filmefridakahlo

FRIDA

Siga nosso instagram: @filmefridakahlo

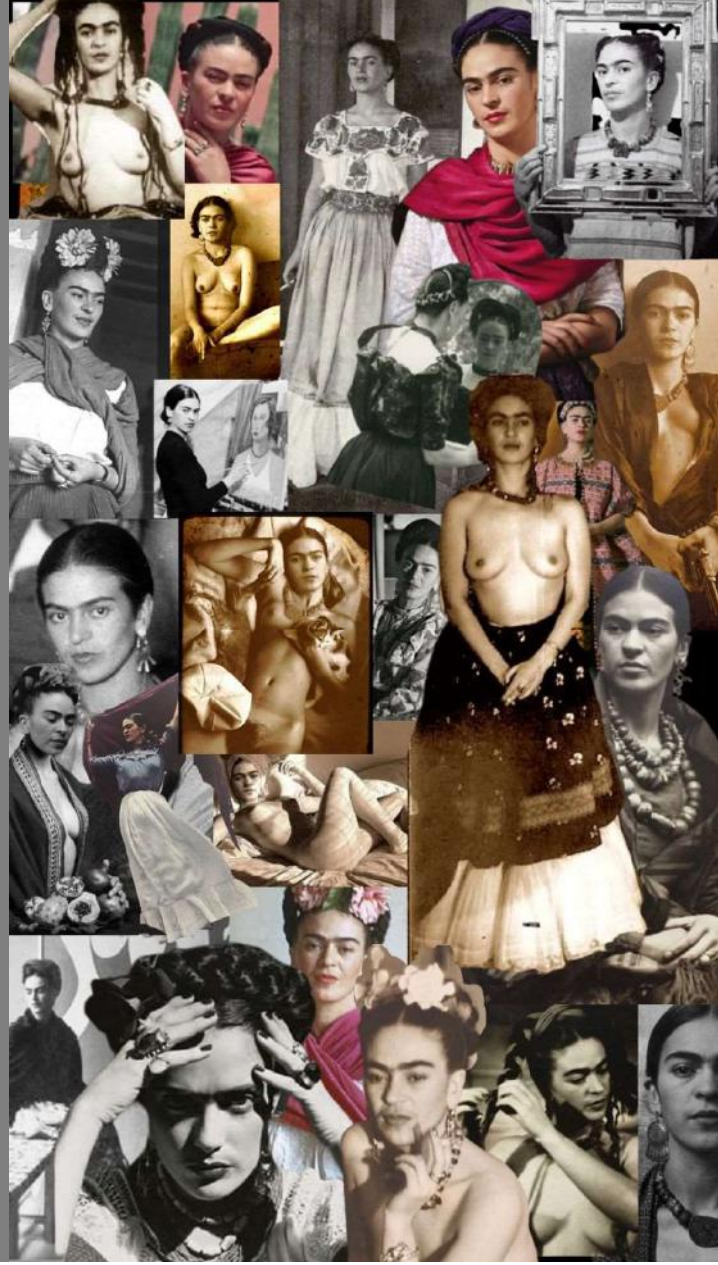
Cotas de patrocínio:

MAGDALENA
CARMEN FRIDA
KAHLO Y
CALDERÓN

1º FASE DE FRIDA



2º FASE DE FRIDA



FRIDA KAHLO

3ª FASE DE FRIDA

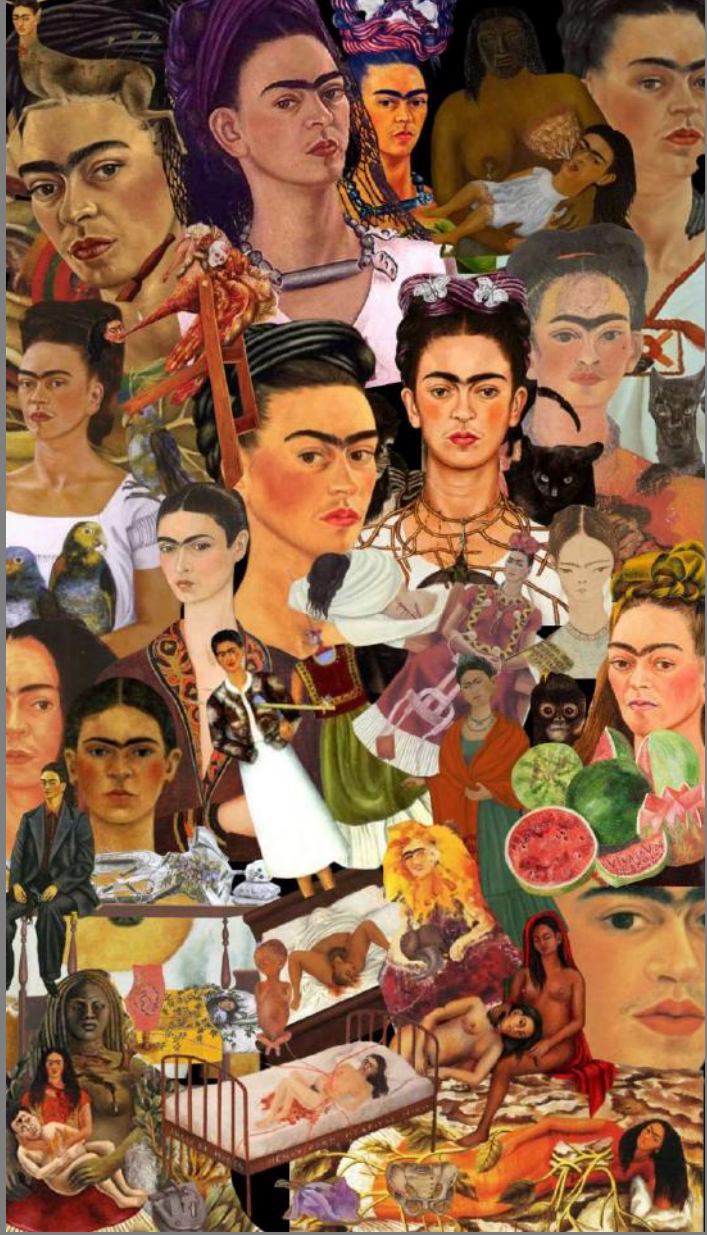


Frida Kahlo (1907-1954)

Mulher, artista, heroína política, símbolo da causa LGBTQIA+, pessoa com deficiência física, exuberante, forte, decidida, insaciável, apaixonante, intensa, versátil, amada por muitos e odiada por outros.

Kahlo sofreu muito com dores físicas, causadas por doenças e um desastre automobilístico, mas também por dores incuráveis na alma, muitas delas trazidas pelas infidelidades e descasos de seu marido, Diego Rivera.

PINTURAS



TEXTURAS



DIEGO RIVERA



Diego Rivera (1886 -1957)

Muralista mexicano, mulherengo, gordo, artista muito famoso, marido, mentor e único amor de Frida kahlo.

Rivera incentivou a carreira de Frida desde de o começo da relação, ele tentava impulsionar sua esposa a pintar, a expor, e ser uma mulher totalmente independente, pensamento muito além do seu tempo.

Diego insistia que sua esposa usasse o nome de solteira, fosse capaz de produzir, e vender sua própria arte, ele acreditava que ela era muito melhor pintora que ele.

O ELEFANTE E A POMBA

1929 - 1954



Diego e Frida se casaram duas vezes, passaram por um divórcio, foi quando Frida mais pintou, eles se amavam intensamente, e por mais que tivessem inúmeras relações extraconjugais, brigas intermináveis, se consideravam almas gêmeas.



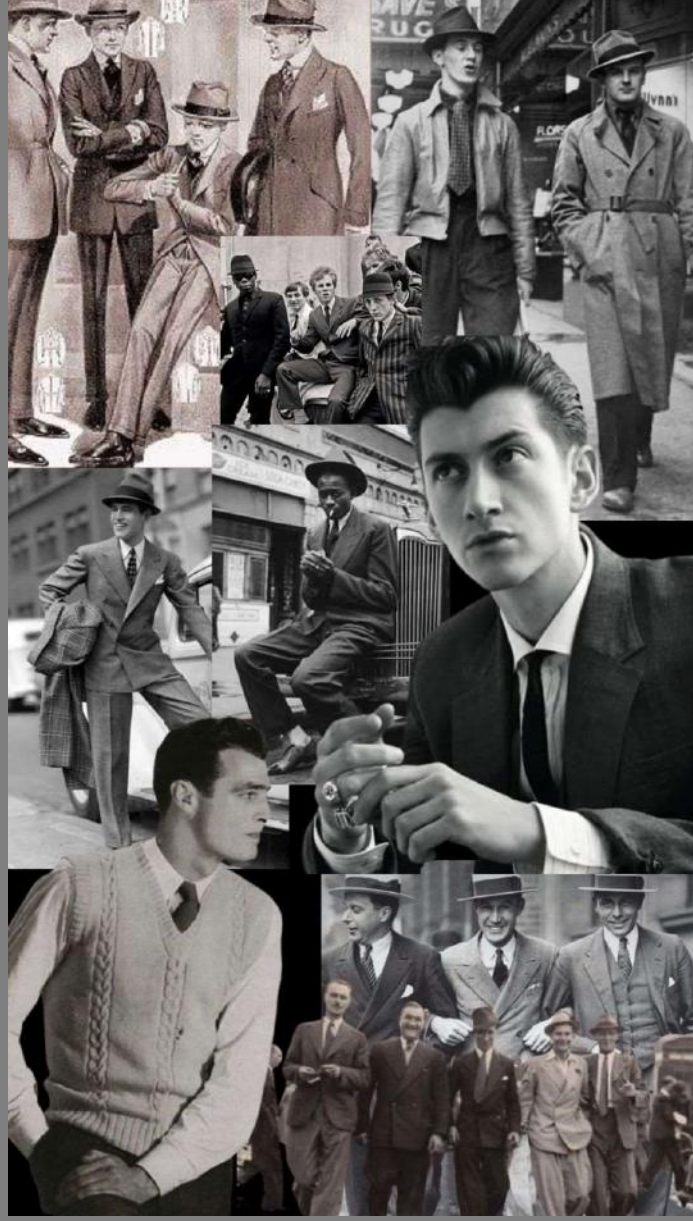
MULHERES

1920-1950



HOMENS

1920-1950



CATRINA



CATRINA

No México o dia dos mortos é repleto de flores e cores, festa declarada patrimônio cultural e imaterial pela UNESCO. Comemorado há 3 mil anos em honra aos parentes e amigos falecidos. Os rituais e celebrações vieram de origem indígena.

LOCAÇÃO

Brasil



México

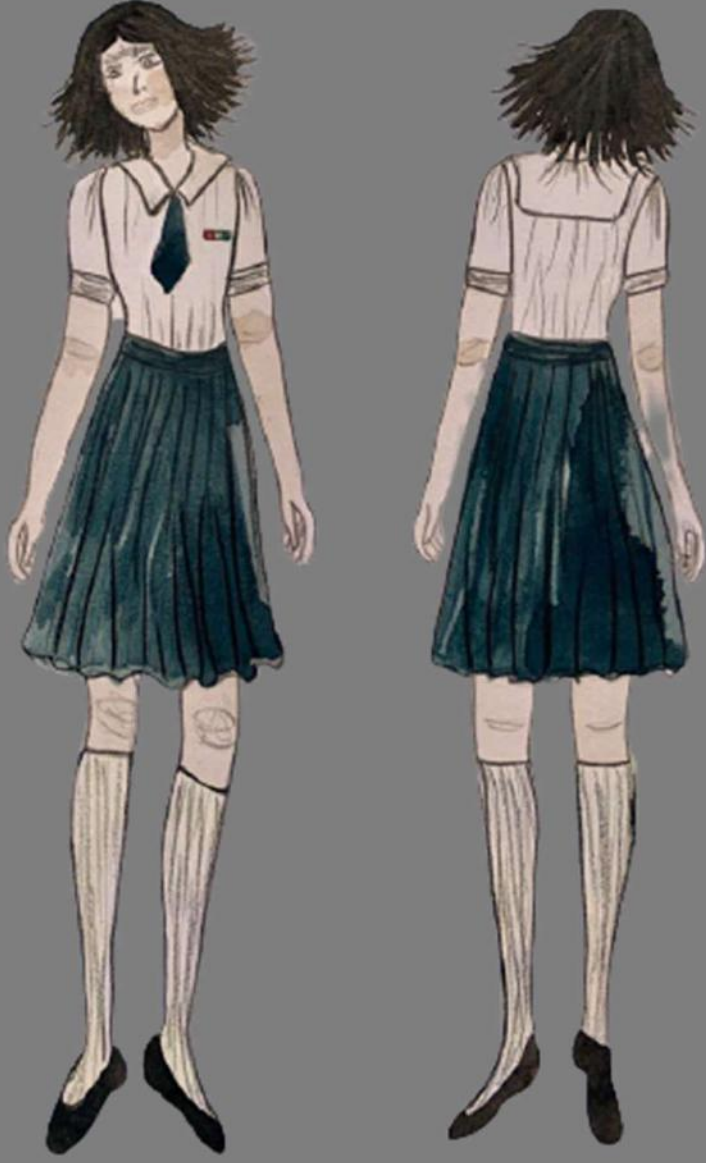


CARTELA DE CORES



FRIDA KAHLO

1 ° FASE DE FRIDA



Memória 1933



FRIDA KAHLO

1.ª FASE DE FRIDA



Esboço do acidente 1926



FRIDA KAHLO

1º FASE DE FRIDA



FRIDA Kahlo 1929



FRIDA KAHLO

2º FASE DE FRIDA



Frida Kahlo 1940



FRIDA KAHLO

2.º FASE DE FRIDA



Frida Kahlo 1937



FRIDA KAHLO

2 ° FASE DE FRIDA



Meu nascimento 1932



FRIDA KAHLO

2º FASE DE FRIDA



Frida Kahlo 1930



FRIDA KAHLO

2.ª FASE DE FRIDA



Autorretrato de cabelo cortado 1940



FRIDA KAHLO

3 °FASE DE FRIDA



A columna partida 1944



FRIDA KAHLO

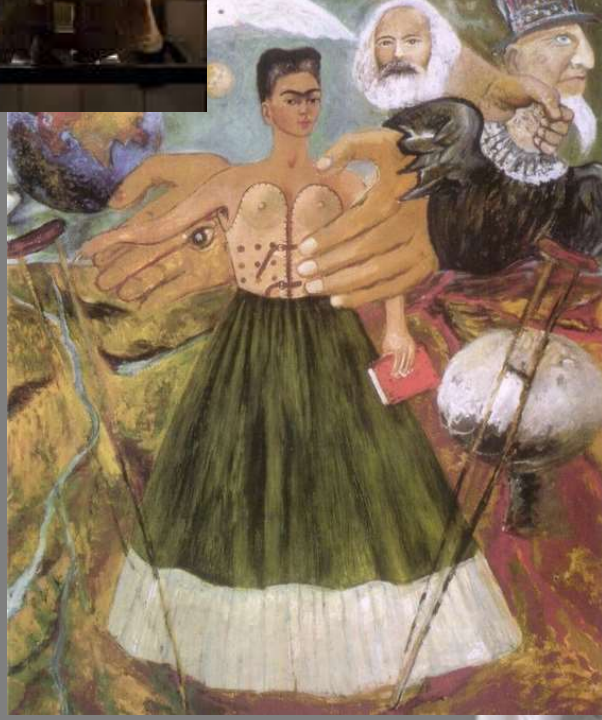
3 ° FASE DE FRIDA



Museu Frida Kahlo



O marxismo dará saúde aos doentes 1954



FRIDA KAHLO

3º FASE DE FRIDA



Frida Kahlo 1944



FRIDA KAHLO

3º FASE DE FRIDA



Frida Kahlo 1950



FRIDA KAHLO

3 ° FASE DE FRIDA



Frida Kahlo 1939



FRIDA KAHLO

3 ° FASE DE FRIDA



Meu vestido pendurado ali 1933



FRIDA KAHLO

3º FASE DE FRIDA



1º EXPOSIÇÃO DE FRIDA KAHLO,
NO MÉXICO 1953



FRIDA KAHLO

3 ° FASE DE FRIDA



Frida em seu leito de morte 1954



Raízes 1943



DIEGO RIVERA



Diego Rivera 1933



MULHERES



HOMENS



PINTURA



Menina com mascara da morte 1938



CATRINA



CATRINA



CATRINA



CATRINA

Desenho técnico



CATRINA

Ficha Técnica

FICHA TÉCNICA PARA FIGURINO

Filme	FRIDA KAHLO	
Figurinista/Contatos	INGRID PEDROZA	
Personagem/Ato-Cena	CATRINA	

Descrição do Figurino: Caracterização por pintura Corporal.
Vestido longo de gala com babados desbotados e desfiados.
Cabeça de rosas com galhos secos.

Beneficiamentos: Tingimento a quente do tecido em medidas diferentes para dar aspecto de manchas (preto) antes da confecção do vestido.
Após o vestido pronto, tingimento a frio (preto), borrifado nos babados.

Matéria Prima Principal

Tecido	Cor	Qtde.	Fornecedor	Vi. Unit.	Vi. Total
Algodão Cru tipo 1	Bege	5m	Casa pinto	26,90\$	134,50\$
Algodão Cru tipo 2	Bege	6m	Casa pinto	19,90\$	119,40\$
Algodão Cru tipo 3	Bege	2m	Casa pinto	13,90\$	27,80\$
Algodão Cru tipo 4	Bege	2m	Casa pinto	15,90\$	31,80\$
Chita	Marrom	2m	Casa pinto	13,00\$	26,00\$
Subtotal					339,50\$

Matéria Prima Secundária

Material	Cor	Qtde.	Fornecedor	Vi. Unit.	Vi. Total
Flores	Vermelho	1 ramo	Flora	39,90\$	39,90\$
Floral	verde	1	Flora	5,00\$	5,00\$
Arco	preto	1	Baixaki	10,00\$	10,00\$
Fita crepe	branca	1	Caçula	3,90\$	3,90\$
Cola quente	transparente	3	Caçula	3,33\$	10,00\$
Flores 2	vinho	4	Flor's	5,00\$	20,00\$
Galhos secos	Bege	1	Flor's	15,00\$	15,00\$
Tinta de tecido	preto	4	caçula	4,90\$	19,60\$
Tinta xadrez	preto	8	Caçula	5,20\$	42,40\$
glow	Preto /branco	2	Caçula	48,90\$	97,80\$
Base	clara	1	Caçula	10,00\$	10,00\$
Pinceis	caracterização	1	caçula	20,00\$	20,00\$
Mão de obra					200,00\$
Subtotal					493,60\$
Total					833,10\$

Amostras de Materiais



BENEFICIAMENTOS



BENEFICIAMIENTOS



BENEFICIARIOS



CINEBIOGRAFIA



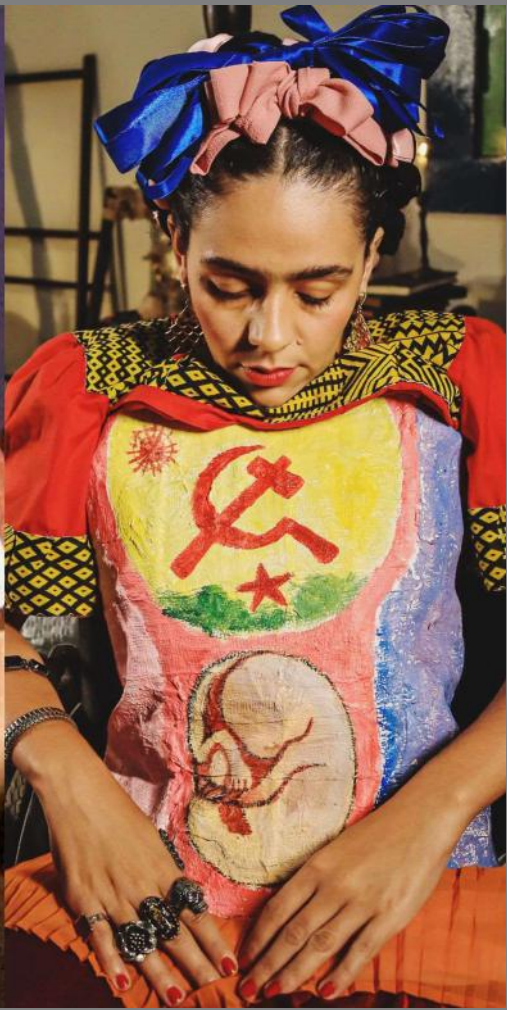
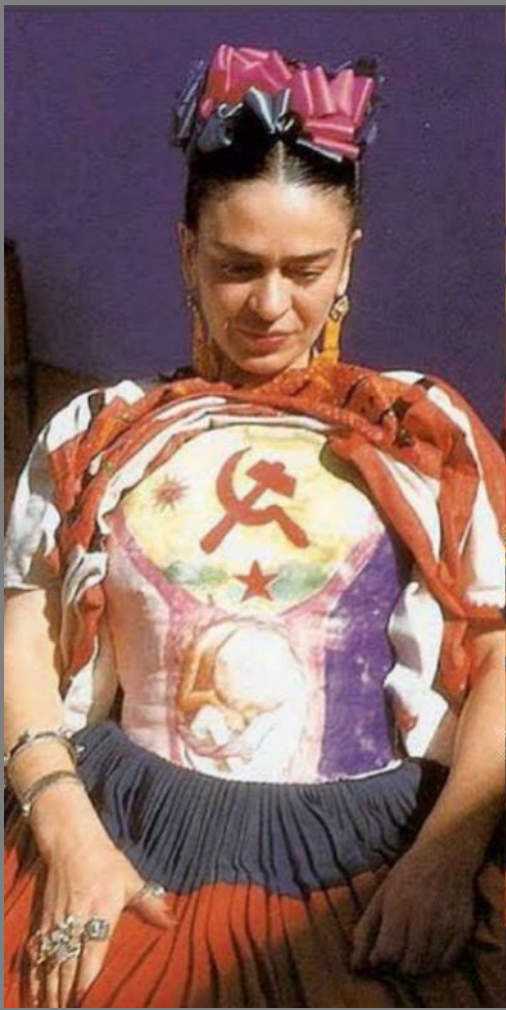
CINEBIOGRAFIA



CINEBIOGRAFIA



CINEBIOGRAFIA



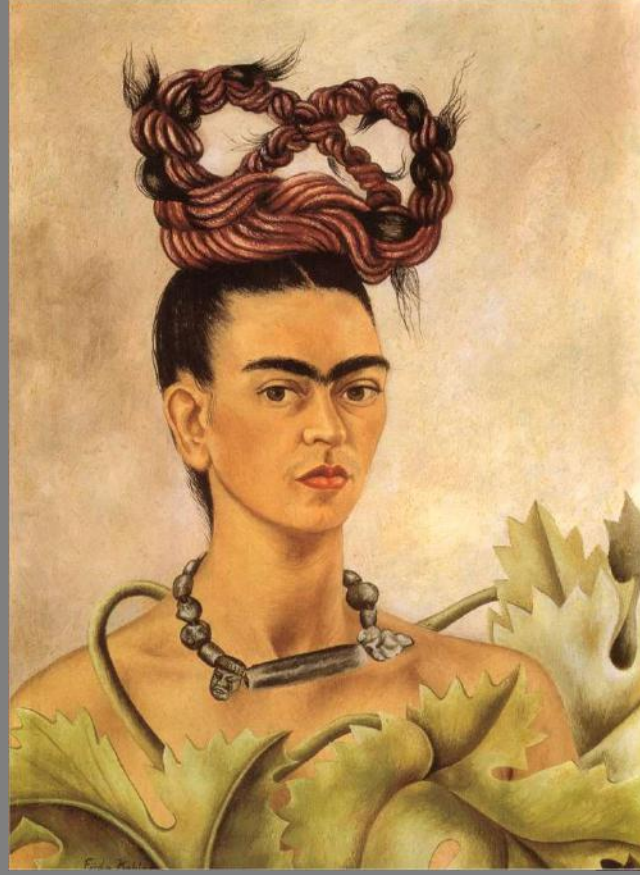
CINEBIOGRAFIA

Autoretrato 1940



CINEBIOGRAFIA

Autorretrato com tranças 1941



CINEBIOGRAFIA

Autorretrato de cabelo cortado 1940

